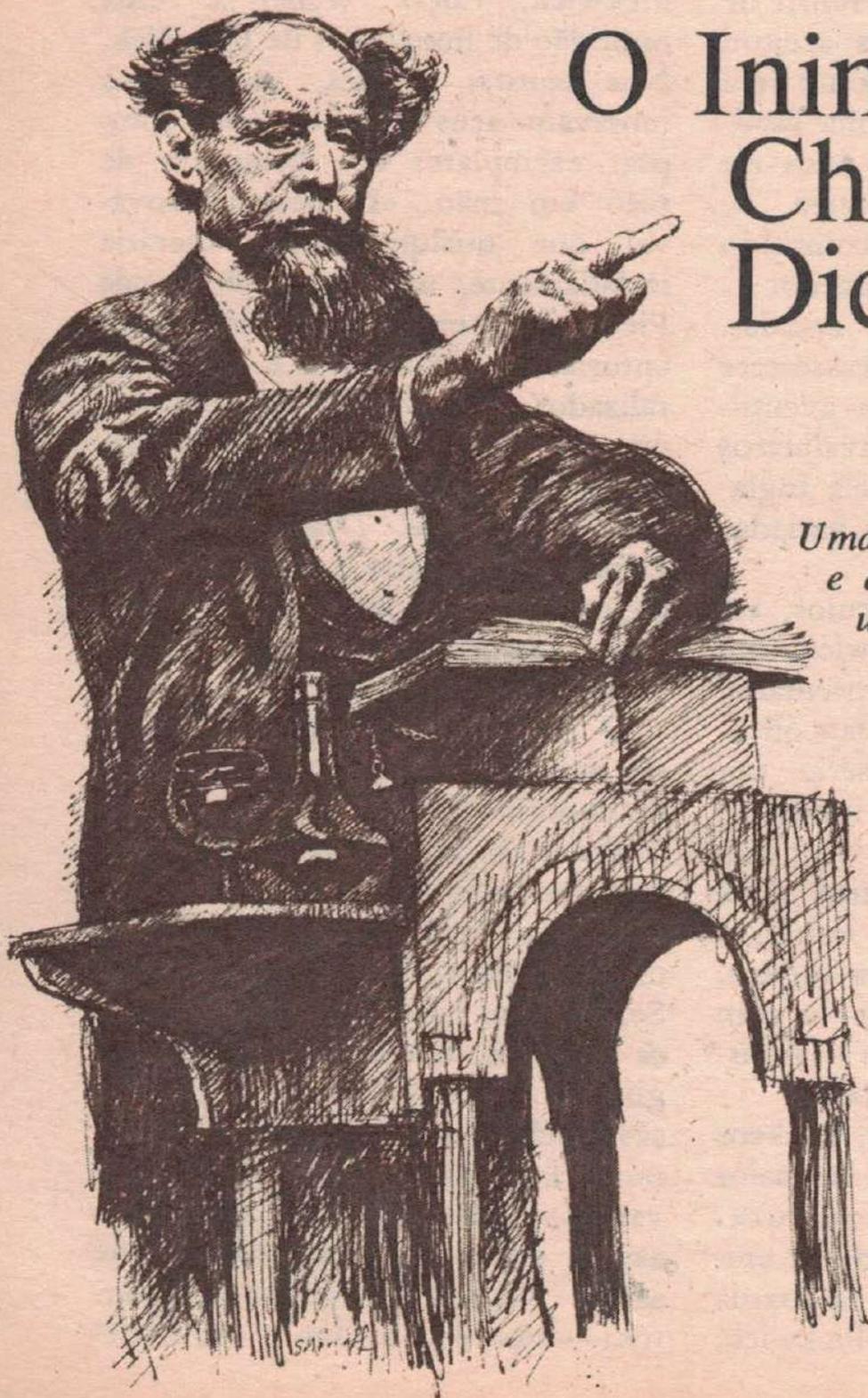


MUITOS críticos consideram os romances de Dickens, juntamente com as peças de Shakespeare, como as maiores obras de ficção da língua inglesa. Ele provavelmente proporcionou mais prazer a um maior número de pessoas que qualquer outro escritor

do mundo. Sua carreira foi extraordinária — sem igual, antes ou depois. Classificada como um dos maiores casos de sucesso de toda a história, começou, muito adequadamente, com uma alegre dupla de personagens de comédia que Dickens concebeu certo dia, em 1836.

O Inimitável Charles Dickens

*Uma combinação de gênio
e energia fizeram dele
um dos maiores sucessos
literários da história*



JAMES NATHAN MILLER

Uma editora nova andava à procura de alguém capaz de criar um texto engraçado para acompanhar algumas ilustrações de caçadas que tencionava vender a um xelim cada. Alguém recomendou um repórter do *Chronicle* de Londres, chamado Dickens, um rapaz brincalhão, de 24 anos de idade, de um senso de humor fantástico. Dickens aceitou imediatamente. Porém, como era um rapaz da cidade, de uma família empobrecida — aos 12 anos ele já trabalhava num armazém de Londres, e seu pai havia cumprido pena na cadeia como devedor — Dickens nada sabia sobre caçadas. Sugeriu, então, que se trocasse esse tema, transformando-o em aventuras de um bando de cavalheiros trapalhões que andavam pela Inglaterra, metendo-se nas mais variadas encrencas.

Os três primeiros fascículos, estrelados por Samuel Pickwick, um gorducho comerciante aposentado, foram um fracasso melancólico. Dickens acrescentou à série um garoto pobre, tipicamente londrino, esfarrapado mas muito vivo, chamado Sam Weller, que não sabia ler nem escrever grandes coisas, e falava maneirando a língua inglesa. Daí em diante, a série toda — e com ela a carreira de Dickens — transformou-se numa mina de ouro.

Com Pickwick e Weller, Dickens criava o que talvez seja a maior dupla humorística da literatura. Assim que o garoto atrevido se empregou como criado e anjo da guarda do velho e inocente Sam Pickwick,

os críticos começaram a dar-lhe atenção, e os compradores, em bandos, a afluir aos jornaleiros.

Dentro de alguns meses, eram vendidos 40.000 exemplares de cada fascículo, e uma febre «Pickwick» varria a Inglaterra. Apareceram charutos Pickwick, chapéus e bengalas Pickwick, calças Weller e uma multidão de imitadores de Pickwick. Nos bairros pobres, as pessoas juntavam seus níqueis para comprar exemplares que passavam de mão em mão. «É pouco provável que qualquer obra literária isoladamente, antes ou depois de Pickwick, tenha despertado um entusiasmo tão ardente e tão generalizado», escreve Edgar Johnson, em sua volumosa, deliciosa e definitiva biografia, *Charles Dickens: His Tragedy and Triumph* (Charles Dickens: Tragédia e Triunfo). Em alguns meses, o repórter desconhecido transformou-se no escritor mais popular da Inglaterra.

O motivo era simples: Dickens era dotado de uma imaginação fora do comum. Em seu cérebro, pessoas e situações borbulhavam incessantemente (ele dizia que *ouvia* literalmente o que seus personagens diziam) antes de pô-las no papel. Se, por um lado, em *As Aventuras de Pickwick*, era a linguagem imaginosa de Sam Weller a responsável pelas maiores gargalhadas, por outro lado foi o elenco de coadjuvantes — mais de 300 fantásticos atores em papéis secundários que saíam daquela imaginação espantosa — que deu à obra a sua imor-

talidade. Havia o homem conhecido como Zephyr, que imitava um carrinho de mão cheio de gatos; o insaciavelmente faminto Fat Boy (Menino Gordo), que dormia enquanto fazia recados; a linguagem extraordinariamente inventiva do pai de Sam Weller — como, por exemplo, ao expressar sua admiração pela maneira de Sam tomar um copo de cerveja: «Muito boa força de sucção, Sammy. Você teria sido uma ostra das melhores, se fosse isso o que tivesse nascido.»

O Personagem Original. Que espécie de homem se escondia por trás dessa qualidade singular de doidice, real demais para se chamar de fantasia, e fantasiosa demais para se chamar de real? Dickens era um original, um personagem saído diretamente de um de seus próprios romances. (Realmente, mais tarde ele se incluiria num deles, invertendo suas iniciais e chamando-se David Copperfield.) Um amigo recordava tê-lo acompanhado num passeio pelas favelas de Londres, durante o qual Dickens seguiu um bebê gorducho e corado que ia pendurado do ombro do pai, metendo-lhe cerejas na boca, enquanto o pai, sem nada perceber, continuava andando. Num jantar, sentado ao lado da jovem mulher de um famoso médico americano, Dickens ouviu-a dirigir-se carinhosamente

ao marido chamando-o «querido», expressão inusitada na época. Achou tanta graça que desatou a rir, até cair da cadeira, esparramando-se no chão, com os demais convidados tendo apenas uma visão dos seus pés agitando-se num acesso de riso incontrolável.



Weller e Pickwick

Por trás das palhaçadas havia a inteligência de um gênio movida pela energia de um dínamo. Quando pediram aos conselheiros culturais da B.B.C. que indicassem os dois maiores romances do mundo, escolheram por unanimidade *Guerra e Paz* e *As Aventuras de Pickwick*. E no entanto, ao mesmo tempo em que o jovem Dickens criava essa

obra monumental, ele assumia também a chefia da redação de uma nova revista literária, escrevia o libreto de uma opereta e procurava atender à repentina demanda de novos trabalhos seus, dando início a um segundo romance, *Oliver Twist*.

O resto de sua vida, Dickens continuou sempre trabalhando em dois ou três grandes projetos ao mesmo tempo. Antes de terminar *Oliver*, já tinha começado *Nicolas Nickleby*; e antes de chegar ao fim de *Nickleby* estava fazendo preparativos para *Loja de Antiquidades*. Durante todo esse tempo, ele escrevia e editava a revista, fazia trabalhos avulsos

Um Quadro de Dickens

NINGUÉM jamais contou quantos personagens Dickens criou, mas seu número chega a milhares. No trecho que se segue aparece um personagem tão obscuro que somente um estudioso de Dickens poderia identificar: é uma órfã de 13 anos de idade, chamada Charley (apelido de Charlotte Neckett), uma das dezenas de personagens de *Casa Desolada*. Eis como Dickens faz Charley explicar por que ela conserva seu irmãozinho, bebê, e sua irmã, trancados no sótão, enquanto ela trabalha como lavadeira:

«É para proteger eles, moço. Não vê?» disse Charley. «E eles podem brincar, sabe, e Tom não tem medo de ficar trancado. Tem, Tom?»

«Nã-ã-ão», respondeu Tom valentemente.

«Quando a noite chega, acendem as lamparinas lá no pátio, e fica bem clarinho mesmo, não é, Tom?»

«É sim, Charley», disse Tom. «Bem clarinho.»

«E depois, ele é um anjo de menino», dizia a criaturinha, com um jeitinho tão maternal, tão feminino. «E quando Emma fica cansada, ele põe ela na cama. Quando ele está cansado, ele mesmo se mete na cama. E quando eu chego em casa, acendo a vela e vou comer uma coisinha, ele se levanta de novo e come comigo. Não é, Tom?»

«É sim, Charley», confirmou Tom. «É isso mesmo.» E, seja por essa lembrança do grande prazer de sua vida, ou por gratidão e amor por Charley, que era tudo para ele, Tom deitou o rostinho entre as dobras ralas do vestido dela e transformou seu riso em pranto.

para o teatro, mantinha uma enorme correspondência e se dedicava ao seu passatempo predileto, que era representar em espetáculos de amadores.

A leitura pública de suas obras, feita por Dickens, converteu-se no maior sucesso teatral da época. Brillante ator que era, Dickens tornava essas leituras tão vivas que chegou a ser criticado pelo seu desempenho na mais famosa delas — o brutal assassinato de Nancy por Sikes, em *Oliver Twist*, no qual Dickens, berrando e rosnando, fazia

ao mesmo tempo o papel do assassino e da vítima — por causa do grande número de mulheres que desmaiavam em casa sessão.

Diamante Nacional. Incrível como pareça, a carreira de Dickens nunca teve um ponto culminante. Foi *toda ela* culminante. Desde o aparecimento de Sam Weller, em 1836, até ao dia da sua morte, em 1870, quando escrevia *O Mistério de Edwin Drood*, a carreira de Dickens foi como um fogo de artifício que subiu ao céu e lá ficou pendurado, despejando um chuva

cintilante atrás do outro. Assim que *Oliver Twist* ficou pronto, foram apresentadas simultaneamente em Londres três versões teatrais diferentes. De *Loja de Antiguidades* vendeu-se um total sem precedente de 100.000 exemplares; e quando chegou a Nova York o navio que trazia um fascículo decisivo, a tripulação foi recebida por uma multidão que, aos gritos, perguntava: «A Nell morreu?»

Em 34 anos, Dickens escreveu 15 livros (além de centenas de contos e artigos), cada um dos quais se tornou sucesso de livraria. Mesmo quando ele passava da alegria e do humorismo para o violento protesto social dos seus romances de meditação sobre a ganância e o mal, como *Casa Desolada* e *Nosso Amigo Comum*, o público continuava a devorá-los.

Alguns de seus personagens naturalmente tornaram-se figuras familiares — Fagin, Urias Heep, Micawber, Pecksniff, Scrooge, O Pequeno Tim, A Pequena Nell. Mas, como no caso de *As Aventuras de Pickwick*, esses destaques eram apenas o cume do iceberg. O que dava às obras a sua tremenda profundidade e impacto eram os milhares de coadjuvantes que Dickens fazia surgir constantemente para contracenar com os astros. De fato, em riqueza e em sutileza, um romance de Dickens é como uma catedral gótica. Vista de longe, seu contorno nos parece bastante simples; é só quando nos aproximamos — e vemos que se trata, na reali-

dade, de um complexo bordado de centenas de vinhetas maravilhosamente detalhadas, gárgulas e arabescos — que percebemos o gênio por trás da obra.

Dickens jamais teve a menor dúvida quanto ao seu próprio valor. Referia-se a si mesmo, meio de brincadeira, mas com uma ponta de seriedade, como «O Inimitável» ou «O Diamante Nacional»; nas negociações com os editores, exigia sempre que a parte de leão dos lucros de seu trabalho coubesse ao gênio que o havia criado. Ficou rico assim: quando morreu, deixou um patrimônio de 93.000 libras — o equivalente a vários milhões hoje em dia. Mas isto nunca o levou a ultrapassar o limite entre a autoconfiança e a autolatria.

Mesmo quando se tornara uma celebridade internacional e rica, com uma equipe de empregados e uma casa de campo, nunca esqueceu os horrores da sua própria infância pobre, nem parou de lutar contra o «Establishment» (que ele chamava de Departamento de Circunlocução). Até ao fim da vida, foi um cruzado radical contra os ultrajes impostos aos pobres, nos tribunais, nas favelas, nas cadeias e nas fábricas da Inglaterra vitoriana.

Suave, Mas Duro. Na realidade, o traço individual que acompanha, como um fio cintilante, a trama da vida e da obra de Dickens, é a integridade fundamental desse homem. Escritores desconhecidos que lhe enviavam suas obras recebiam em resposta críticas detalhadas;

quando descobria um escritor de talento, não poupava esforços para promover o seu trabalho. Certa vez, quando descobriu que um dos seus empregados antigos o roubava, Dickens não teve coragem de despedi-lo; sabendo que o homem nunca mais obteria outro emprego, descartou-se dele instalando-o num pequeno negócio.

Mas Dickens sabia também ser duro, e em suas desavenças com os críticos e os editores não hesitava em desferir violentos ataques em público — às vezes imprudentemente. Aos 46 anos, e casado havia 22 anos, ele se apaixonou por uma atriz de 23 anos de idade, Ellen Ternan, e separou-se de Kate, a mulher que lhe dera 10 filhos. Quando começaram a circular rumores de que a separação fora devida ao amor de Dickens pela cunhada (o segredo do caso Ternan só veio a público na década de 1930),

ele publicou uma refutação longa e excessivamente pessoal, que só serviu para aumentar o escândalo e armar sérias brigas com velhos conhecidos.

Quando Dickens morreu, em 1870, contava apenas 58 anos, e é ponto pacífico que morreu de tanto trabalhar. Há quem afirme que o fez conscientemente — um suicídio lento, motivado por um casamento infeliz e pelo seu desespero cada vez maior com as injustiças da sociedade. Qualquer que tenha sido a causa, para o povo inglês foi uma perda enorme. Recusando-se a respeitar o desejo do escritor de ser enterrado com simplicidade, eles o sepultaram na Abadia de Westminster, e durante três dias, enquanto o caixão jazia na cova aberta, milhares de pessoas desfilaram em silêncio. Sabiam que nunca houvera, nem haveria, outro escritor como Dickens.



A FIM DE combater uma alarmante onda de crimes, o Gabão criou uma nova penalidade: a «morte civil». Em vez de ser executado, o culpado é privado de todos os seus direitos de família e civis, é registrado como morto nos arquivos oficiais e os seus bens são distribuídos aos seus herdeiros legais, tal como se estivesse morto. Embora continue vivo, aos olhos da lei ele deixou de existir.

— *L'Express*, França



O INSTRUTOR de um centro de treinamento da Marinha americana perguntou ao oficial encarregado da banda por que o primeiro-tambor fora repentinamente afastado das suas funções. A explicação: durante as quatro ou cinco últimas inspeções, o primeiro-tambor fizera a banda tocar a mesma marcha quando o grupo de inspeção aparecera no pátio de parada — até que, finalmente, a música foi identificada. Tratava-se de uma velha marcha de circo chamada *Aí Vêm os Palhaços*.

— E. C.